



PRÁTICAS DISCURSIVAS DE UM “ESTRANGEIRO” NA EDUCAÇÃO: PROBLEMATIZANDO OS DISCURSOS DE GUSTAVO IOSCHPE VEICULADOS NA REVISTA VEJA E NO JORNAL ZERO HORA¹

Fabio Ricardo Bastos Gomes²

Resumo

A partir dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos desenvolvidos por Michel Foucault, este trabalho objetiva problematizar o espaço concedido aos profissionais das mais diversas áreas do conhecimento para que explicitem suas opiniões a respeito da educação em nosso país e prescrevam possíveis soluções para a resolução dos supostos problemas enfrentados pelos professores e instituições educacionais na contemporaneidade. Para tanto, através da análise textual, define como foco de investigação as práticas discursivas produzidas pelo economista Gustavo Ioschpe sobre a educação brasileira presentes em suas colunas na revista Veja e no jornal Zero Hora, veiculadas em sua versão eletrônica, como produtoras de regimes de verdades pedagógicas que apontam como causa da dita crise do ensino à formação acadêmica dos professores. É possível dizer que as práticas discursivas analisadas evidenciam que uma das pretensões de tais reportagens é a do alastramento da má consciência nos professores, já que as mesmas destacam a centralidade da figura docente na resolução dos problemas que ocorrem no ensino em nosso país, procurando constituir regimes de verdade que, muitas vezes, são considerados até mesmo pelos próprios profissionais da educação.

Palavras-chave: Crise na educação. Práticas discursivas. Formação de professores.

Do começo

Este trabalho é decorrente de uma pesquisa que, a partir dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos desenvolvidos por Michel Foucault, problematiza o espaço concedido aos profissionais das mais diversas áreas do conhecimento (economistas, empresários, publicitários, advogados, entre outros) para que explicitem suas opiniões a respeito da educação em nosso país e prescrevam possíveis soluções para a resolução dos supostos problemas enfrentados pelos professores e instituições educacionais na contemporaneidade. Para tanto, através da análise textual, defini como foco de investigação as práticas discursivas produzidas pelo economista Gustavo Ioschpe sobre a educação

¹ Esse trabalho é decorrente da disciplina Concepções Educacionais Contemporâneas e foi orientado pelo Profº Dndo. em Educação Rodrigo Saballa de Carvalho PPGEdU/UFRGS.

² Fabio Gomes (fabiogomesrs@uol.com.br) é graduado em Pedagogia pela UFRGS e estudante do curso de Especialização em Orientação Educacional da FAPA.

brasileira presente em suas colunas na revista Veja e textos publicados no Jornal Zero Hora, veiculadas em sua versão eletrônica nos anos 2007 a 2009.

Dos “estrangeiros”

Os meios de comunicação têm muitas vezes discutido sobre educação, diversos artigos, reportagens, depoimentos debatem as causas da dita “crise” na educação brasileira. São inúmeras opiniões, na maior parte das vezes empíricas e, sobretudo, de “estrangeiros” às questões pedagógicas. Profissionais das diversas áreas do conhecimento expressam idéias sobre o tema no qual não possuem formação acadêmica correspondente. E bem mais do que apontar causas, estes discursos salvacionistas, prescrevem “receitas” que pretensamente funcionariam como espaços seguros e de bom resultado. Estas práticas discursivas são legitimadas pelos veículos de comunicação analisados, notadamente lidos por um grande público de professores e gestores de escolas públicas e privadas.

Para problematizar o tema proposto neste estudo, busquei uma analogia entre a visão de um estrangeiro que visita uma cidade qualquer e a dos habitantes nativos em que nela residem. Considerei o fato de o senso comum afirmar que o olhar externo possibilitaria uma visão mais clara de determinado aspecto e também a idéia de que a ausência de conhecimento da cultura característica de um local poderia fazer com que o recorte de um fato específico fosse tomado como generalidade. E é desta maneira, que por vezes o tema educação tem sido abordado: olhares “estrangeiros” à educação criando “verdades” a partir de fatos específicos. Tais análises desconsideram as pesquisas e conhecimentos desenvolvidos nas universidades sobre educação.

Não defendo uma interdição³ dos “estrangeiros” à educação, busco problematizar o espaço dado a eles pelos meios de comunicação, suas práticas discursivas e o fato da não legitimação, pelos mesmos meios de comunicação, dos discursos dos profissionais da educação sobre outras áreas do conhecimento. Um pedagogo teria seu discurso legitimado sobre medicina sem ter tido formação correspondente? Desse modo, o dito por Foucault corrobora com tal argumento, quando o mesmo afirma que “a fala médica não pode vir de quem quer que seja” e “seu valor, sua eficácia (...) sua existência como fala médica não são dissociáveis do personagem, definido por *status*, que tem o direito de articulá-lo” (FOUCAULT, 2008: 57). Nesse sentido, inspirado pela indagação de Foucault: “qual é o *status* dos indivíduos que tem – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso?”

³ Termo utilizado por Foucault (FOUCAULT, 2009, p. 9).

(FOUCAULT, 2008: 56), proponho um deslocamento da posição de aceitação passiva destes discursos para um lugar de questionamentos contínuos.

Dos “culpados”

Para analisar os discursos que considereirei como de “estrangeiros” à educação, utilizei o entendimento de Michel Foucault dos termos “discurso” como o “conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008: 122) e “prática discursiva” como

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (FOUCAULT, 2008, p.133).

Direcionei meus estudos para as colunas escritas por Gustavo loschpe, economista com duas graduações (em Ciência Política e Administração Estratégica) pela Wharton School, na Universidade da Pensilvânia, e Mestrado em Economia Internacional e Desenvolvimento Econômico, pela Universidade Yale, nos Estados Unidos da América e que atualmente, tem sua atenção voltada para as questões referentes à educação.

Em sua primeira coluna na versão eletrônica da revista Veja em 29 de agosto de 2007, Gustavo loschpe propõe falar de educação na “*perspectiva de um economista da educação*”⁴, analisar “*o impacto da educação sobre fatores econômicos*” e, valendo-se de análise estatísticas, “*avaliar a própria educação*”. É nesta última intenção que centralizei minhas análises, por considerar que é exatamente neste espaço que o colunista expressa suas pretensões de apontar “culpados” e “soluções” para a “crise” que ele afirma assolar a educação brasileira.

loschpe se vale, em seus textos, de mecanismos de captura do leitor. Inicialmente, o colunista apresenta um título, geralmente polêmico, com o intuito de causar um estranhamento do leitor e instigar sua curiosidade sobre o que será tratado:

Preocupe-se. Seu filho é mal educado. (1º de novembro de 2007)

Violência escolar: quem é a vítima? (3 de dezembro de 2008)

Pelo direito à ruindade. (13 de fevereiro de 2008)

Preparados para perder. (29 de agosto de 2008)

Falência educacional: complô ou lógica? (18 de fevereiro de 2009)

Contra a gratuidade nas universidades públicas. (5 de outubro de 2007)

⁴ Os excertos extraídos das colunas estão identificadas pelo uso do grifo itálico.

Segue-se a apresentação de dados estatísticos e resultados de pesquisas realizadas sobre educação que fundamentam e pretensamente justificam as questões levantadas pelo autor. Os números são mostrados como “verdades científicas”⁵ fazendo surgir nos leitores o sentimento de que não se pode questionar e, até mesmo, duvidar do que está “comprovado” através de tais pesquisas. Se inicialmente havia um espaço para polêmicas, os leitores são agora levados a crer que estavam “enganados” e “desconheciam” a “verdade” dos fatos.

Por se situarem no espaço destinado pelos meios de comunicação analisados às questões educacionais, as colunas de Gustavo Loschpe são lidas por um grande número de professores que buscam novos conhecimentos em sua área de atuação. Nesse sentido, as “sementes” lançadas pelo colunista, encontram um “solo fértil” para se desenvolver, visto que o autor centraliza na figura do professor as questões referentes aos “problemas” educacionais de nosso país.

Em sua coluna de 18 de fevereiro de 2009, loschpe pergunta: *“Por que eles (os pais) aceitam bovinamente uma péssima educação para seus filhos?”*. As análises dos discursos do colunista apontam seu retrato da educação brasileira na atualidade: *“nossas escolas são um fracasso retumbante”* (5 de julho de 2008). Na mesma coluna de 5 de julho de 2008, o autor escreve: *“seria de esperar que a família brasileira estivesse enfurecida com uma escola que, além de não cumprir o seu papel no ensino de seus filhos, ainda decide transferir a responsabilidade para o próprio aluno e sua família”*. No seu artigo de 07 de setembro de 2008 no Jornal Zero Hora, loschpe propõem *“questionar se a constante indisciplina e o desinteresse do alunado não são uma consequência das aulas chatas que ele recebe”*. Desse modo, o professor/leitor é induzido a “refletir” sobre sua prática de maneira a sentir-se “culpado” pela “péssima educação” que oportuniza aos seus alunos e também por “transferir a responsabilidade” de seu “fracasso” para as famílias e para os estudantes, identificados pelo colunista como a reais “vítimas” de todo o processo educacional.

O autor afirma que *“o professor brasileiro tem uma péssima formação e não é preparado para encarar uma sala de aula do Brasil real, especialmente (...) porque é tomado por um viés ideológico que torna o sucesso acadêmico insignificante”* (18 de fevereiro de 2009). Loschpe considera que *“o professor da rede pública não é pago para ser intelectual nem para fazer doutrinação ideológico dos alunos”* (31 de janeiro de 2008), e que a *“prioridade primeira deveria ser fazer com que as crianças de primeira série aprendessem a ler e escrever”, pois “não é possível ensinar filosofia, sociologia (...) a jovens semiletrados”* (8 de setembro de 2008). Ao desconsiderar a formação acadêmica como algo relevante, o

⁵ O termo “verdade” é utilizado no sentido foucaultiano de “enunciados considerados como verdadeiros” (CASTRO, 2009, p. 421).

colunista entende que “qualquer um” pode exercer o magistério e a intelectualidade pode ser “deixada de lado”, visto que o “papel” do professor, principalmente no ensino fundamental, é o de ensinar as crianças a ler e escrever. O autor ignora também a história da oralidade como forma de desenvolvimento do pensamento, pois associa tal processo à escrita e à leitura.

Da má consciência⁶

Gustavo Loschpe costuma ser convidado para participar como palestrante de eventos, muitos deles parte de “programas” de formação continuada para professores, como aponta o autor em sua coluna de 2 de janeiro de 2008: “devoto parte do meu tempo a viajar e palestrar a professores e autoridades educacionais em todo o país e também fora dele”. Que interferência esse “estrangeiro” exerce na formação dos professores que assistem a suas palestras e na de outros tantos que leem suas colunas e validam seus discursos? Por que as práticas discursivas de alguém que não possui formação acadêmica em educação são consideradas até mesmo pelos próprios profissionais da educação? Importante aqui contextualizar a situação atual dos professores como nos mostra Pereira:

pressionado a dominar novas tecnologias, forçado a aderir a um modelo pautado na novidade a qualquer custo, responsável (senão, “culpado”) pelo insucesso dos alunos, constantemente cobrado, vigiado, controlado por sujeitos eles mesmos muito pouco consistentes em suas convicções (PEREIRA, 2006, p. 3).

O professorado está cercado por discursos que delimitam a construção da docência na contemporaneidade. As demandas são inúmeras e não há como escapar: os pais reivindicam o “novo método” de educação apresentado na edição jornalística do dia anterior; a direção da escola impõe a satisfação total dos clientes; é preciso saber de “tudo” que está acontecendo no mundo; fazer uma especialização; aceitar “de bom grado” a remuneração oferecida, etc. Não dando conta de todas as exigências, os professores são levados a procurar por soluções rápidas e indolores para suas angústias. E é aqui que os discursos salvacionistas e prescritivos encontram abrigo: na inquietude dos professores.

Estas práticas discursivas têm sido bastante eficazes no deslocamento das “causas” e “soluções” das questões pedagógicas para os profissionais da educação, evitando desta maneira, possíveis problematizações sobre os outros aspectos (econômicos, sociais, etc.) exteriores à escola e que influenciam na educação escolar brasileira.

⁶ No sentido de “sentimento de falta”, “culpa” e “remorso” como Nietzsche define em *A Genealogia da Moral* (NIETZSCHE, 2007).

Das conclusões

É possível dizer que os enunciados analisados evidenciam que uma das pretensões das práticas discursivas dos “estrangeiros” à educação, é a do alastramento, nos professores, da má consciência, já que as mesmas destacam a centralidade da figura docente na resolução dos problemas que ocorrem no ensino em nosso país, procurando constituir regimes de verdades pedagógicas⁷ que afirmam que os cursos de graduação em educação perdem tempo com discussões pedagógicas e com a preocupação em formar cidadãos críticos ao invés de orientar os profissionais da educação a ensinar os alunos a ler, escrever e fazer contas.

Referências Bibliográficas.

- CASTRO, Edgardo. Vocabulário de Foucault – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e mudança social. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do Saber. Rio de Janeiro: Forense, 2008.
- _____. A ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. A Genealogia da Moral. São Paulo: Centauro, 2007.
- _____. Além do Bem e do Mal. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- PEREIRA, Marcos Villela. Políticas Públicas e o Alastramento da Má Consciência. In: SMED – Secretaria Municipal de Educação. Tecendo aprendizagens com a rede municipal de Ensino de Porto Alegre. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre – Secretaria Municipal de Educação, 2006.
- SOMMER, Luís Henrique. A Ordem do Discurso Escolar. In: Revista Brasileira de educação, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- REVISTA VEJA ONLINE. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/gustavo_ioschpe/>. Acesso em: 31/05/09.

⁷ Aqui entendidos no sentido foucaultiano dos tipos de discurso sobre educação que a sociedade aceita e faz funcionar como verdadeiros.